

Clínica Transdisciplinar: Afirmação da multiplicidade em Deleuze/Spinoza

Cristina Rauter*

O que temos chamado de clínica transdisciplinar é uma construção que emerge da atitude do clínico, do Psicólogo ou Psicanalista, de explorar as regiões de vizinhança da clínica com outros saberes para, a partir daí, construir suas estratégias. A função do clínico é a de catalisar a produtividade do inconsciente, numa concepção de inconsciente que possui forte inspiração spinozista. Aumentando a possibilidade que estabeleçamos novos e variados agenciamentos, o que se espera é potencializar a vida, catalisar os processos caóticos, criadores, revolucionários, valendo-nos de múltiplos campos do saber, incluindo perspectivas do campo da arte, da filosofia, entre outros muitos campos a partir dos quais possamos fazer funcionar estratégias clínicas.

O coletivo e a multiplicidade, enfatizados na leitura de Spinoza feita por Deleuze, serão pontos de apoio nessa construção. Para Deleuze, Spinoza é o “príncipe dos filósofos”, aquele que com sua roupa de revolucionário napolitano¹ traz para o campo da filosofia a perspectiva da multidão.

A perspectiva transdisciplinar é uma perspectiva da multiplicidade. Quanto mais encontros fizermos, tanto no que diz respeito ao atributo pensamento quanto ao atributo extensão, mais potentes seremos. Quanto mais pudermos entrar em contato com o novo e o diferente, melhor pensaremos e agiremos. Amar é retirar do plano da multidão no qual ele está inserido o objeto amado, numa operação de redução e individualização, para depois redescobrir nele a multiplicidade que o compõe. Não é “identificar-se” com o parceiro o que nos faz amá-lo. São os pequenos mundos desconhecidos que o objeto amado encerra que constituem a vertigem que ele nos provoca e que nos leva para uma viagem fora de nós mesmos: “Eu não olho mais nos olhos da mulher que tenho em meus braços, mas os atravesso nadando, cabeça, braços e pernas por inteiro, e vejo que

* Professora Titular do Departamento de Psicologia da UFF, Niterói, RJ, Brasil. Contato: rautercristinamair02@gmail.com

¹ Deleuze, G. *Espinosa e a Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002, p. 13.

por detrás das órbitas desses olhos se estende um mundo inexplorado, mundo de coisas futuras² ...”

O “entre” é a borda que amplia as conexões, possibilitando a ultrapassagem, na clínica, de alguns impasses trazidos por categorias do negativo que a atravessam. Deleuze refere mais de uma vez em sua obra que a Psicanálise é um empreendimento mortífero, e que a psicologia do padre está ali muitas vezes presente, ao associar a sexualidade à culpa e à negatividade, ainda que um corpo ruidosamente sexuado possa se fazer presente. Para Deleuze, o que importa é a vida³, esse elemento imanente, a intenção de fazê-la fluir, desconstruindo os obstáculos a ela interpostos. Eis o que norteará a construção de conceitos e também os aportes clínicos, na perspectiva ético-estético-política⁴.

A crítica de Deleuze é contundente no que diz respeito à “ridícula pulsão de morte⁵”, ao mesmo tempo que vê passar um sopro de vida na psicanálise toda vez que algum psicanalista deixa de utilizar esse conceito. Alguns clínicos do campo da psicanálise puderam afirmar esse ponto de vista da vida – Winnicott, Reich, Massud Khan, entre outros. O clínico pode voltar-se também para a literatura, como faremos neste artigo com Henry Miller, para dali extrair esse sopro de vida, construindo planos de consistência provisórios, inestáveis, mas estratégicos⁶.

A vida é uma questão de estratégia: evitar e ludibriar a morte que, como acaso, nos espreita a todo momento, embora não a desejemos nem nos orientemos instintivamente para ela. Inocente em seu desenrolar, a existência nos reserva estes "maus encontros", estes pontos de parada, que são da ordem do acaso. Dizer que não há negatividade no campo desejo não nos leva a um otimismo ingênuo. Não precisamos incluir nenhum princípio negativo no campo da produção desejante para afirmar a tragicidade da vida, já que ela provém, para Spinoza da possibilidade sempre presente de que sejamos destruídos por uma potência maior que a nossa, conforme o axioma da parte IV da *Ética*: “Não existe, na natureza das coisas, nenhuma coisa singular

² Miller, H. *Trópico de Capricórnio*. São Paulo: Ibrasa, 1983, p. 113.

³ Deleuze, G. & Guattari, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: 34, Vol. I, 1996.

⁴ Guattari, F. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

⁵ Deleuze, G. & Parnet, C. *Dialogues*. Paris: Flammarion, Paris, 1977. pp. 95-147.

⁶ Rauter, C. *Clínica do Esquecimento*. Niterói: Eduff, 2012.

relativamente à qual não exista outra mais potente e mais forte. Dada uma coisa qualquer, existe uma outra, mais potente, pela qual a primeira pode ser destruída”⁷.

A crítica dos universais, empreendida por Deleuze/Spinoza é um ponto de apoio precioso para a perspectiva transdisciplinar, a partir do qual o clínico pode de fato acompanhar os processos imanentes e produtivos que estão emergindo a todo momento. Ele pode deixar de percebê-los apesar estarem debaixo do seu nariz, se sua escuta estiver voltada para a falta, o Édipo, a castração.

O campo da clínica abre-se para a imanência toda vez que a morte deixa de habitar o desejo e passa a ser vista como acidente. Quando universais são negados ou desconstruídos, é a perspectiva da multiplicidade que emerge. Seria preferível ver Reich às voltas com sua tão duvidosa caixa de orgon ou com o “fogo de santelmo” da sexualidade do que dedicado à edipianização e à castração⁸. Que o paciente chegue ao consultório trazendo o fardo de Édipo, ou os impedimentos da castração não é o problema, mas que saia dele tão ou mais pesado do que entrou, como ocorre com alguma frequência, esse é o problema.

Em Spinoza a palavra ação é reservada para o que fazemos quando temos ideias potentes. Quando somos determinados a partir do exterior, não agimos, mas padecemos. Uma clínica que afirmasse a tristeza (as necessidades da elaboração, da depressão como caminho necessário para a cura) não poderia conduzir ao agir potente por uma impossibilidade lógica, já que, quando estamos tristes, estamos limitados por forças maiores que a nossa. Ora, a impotência não pode ser um caminho para a potência, ainda que, num grau mínimo de potência, continuemos a perseverar em nosso ser, enquanto estamos vivos. Nos estados depressivos, quando nossa potência está reduzida a níveis menores, é a vida que persevera em nós que nos mantém, paradoxalmente. Porém não há nenhuma virtude na depressão numa clínica de inspiração spinozista.

Vida diz respeito à construção de algo, e portanto, a clínica é um construtivismo. Tal afirmação tem um sentido vital e um sentido político. Não é necessário esperar que o desejo se transmute noutra tipo de energia, que seja sublimado, para que invista o

⁷ Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, Parte IV, Axioma.

⁸ Toda aproximação da sexualidade com fenômenos cósmicos do tipo "tempestade elétrica", "bruma azulada e céu azul", " azul do orgono" "fogo de santelmo", "manchas solares", "fluidos e fluxos", "matérias e partículas", nos parece, afinal, mais adequada que a redução da sexualidade ao lamentável pequeno segredo familialista. Deleuze, G. & Guattari, F. *O Anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio: Imago, 1976, p.370.

campo social. Essa perspectiva da construção de algo deverá ser captada pelo clínico. Mais do que preocupado em entender ou interpretar, ele deverá aguçar sua sensibilidade para captar esses vetores, quase imperceptíveis, minimalistas, que estão emergindo. A noção de estratégia clínica, também implicada nesta perspectiva, diz respeito a uma reformulação da atitude do terapeuta em relação ao saber. Numa postura ético-política, saber como isto funciona, o que isto produz, interessa muito mais do que saber "como se articula" teoricamente. Esta postura coloca certamente a clínica no campo da invenção, da criação mesma, no campo da arte. Não há uma separação entre investimentos familiares, objetivos, individuais do desejo e os investimentos políticos e sociais. Eles estão numa relação de coextensividade. A mesma produção, diferentes regimes. Clínica e política são, pois, indissociáveis.

Se Winnicott permaneceu um tanto circunscrito ao ambiente psicanalítico de sua época, membro que era de uma sociedade oficial de Psicanálise, não deixou de afirmar uma perspectiva da vida, presente de forma inequívoca nos seus modos de compreender a saúde a partir de um ponto de vista vital e intensivo: a capacidade de sentir que a vida vale a pena. A trajetórias de Massud Khan, a de Reich, entre outros, bem ilustram o preço pago quando alguém, no campo psicanalítico, tentou trazer para a clínica a possibilidade de experimentar e de restituir ao desejo sua potência de construção de mundos, sua potência política. Certamente as experimentações no campo das relações entre analista e paciente que realizava Massud Khan, o príncipe do Punjab, ex-analisando e discípulo de Winnicott, levaram ao seu banimento da sociedade psicanalítica oficial na década de sessenta do século passado, que se deu logo após a publicação de seu ainda hoje surpreendente livro "Quando a Primavera Chegar".⁹ Dos relatos clínicos de Khan, emerge uma clínica experimental e insubmissa, onde há a recusa de uma certa concepção de neutralidade, de um certo ascetismo do analista que o afastava dos processos afetivos-intensivos presentes na situação clínica. Para Khan, o que mais importava para a tarefa terapêutica era a possibilidade de compartilhar estados afetivos. Ao invés de tentar esconder ou dissimular alguns detalhes de sua vida pessoal conhecidos pelo paciente, ele os utilizava como ferramentas clínicas, como quando se vale da sua condição de príncipe para romper com a onipotência extrema deste seu paciente difícil, que planejava assassinar seu companheiro. Mas não se tratava de

⁹ Khan, M. *Quando a Primavera Chagar. Despertares em Psicanálise Clínica*. São Paulo: Escuta, 1991.

compartilhar sentimentos no sentido de produzir aconchego e conforto ou modelos norteadores; muito pelo contrário. Nas estratégias clínicas de Khan, o analista emprestava seu corpo múltiplo ao paciente, quando ele não estava conseguindo acessar sua própria multiplicidade. Desse modo, talvez ele pudesse fazer experimentações com o fora, com o além da interioridade. Intervindo sobre “o ambiente” ou sobre o território, ele se fazia cargo também do companheiro do paciente, acompanhando o que se passava na casa do casal¹⁰, não restringindo sua clínica apenas à escuta.

Cada um de nós é um pequeno mundo, e o clínico pode compartilhá-lo com aqueles que atravessam processos de simplificação. De fato, como apontou Deleuze, raros são os que, em nosso mundo atual, têm um mundo para viver. Muitos vivem em estado de monotonia improdutiva, numa solidão desértica, a que facilmente podemos nos submeter, por habitar um mundo reduzido e linearizado, trabalhado por diversos dispositivos redutores presentes no campo social. Hoje o mundo chega a crianças e adolescentes através de uma tela, com imagens de um colorido vivo, sons estridentes de vozes afetadas, violência, imagens sexuais, em doses diárias. Dessas telas provêm muitos desses processos redutores que agem sobre a multiplicidade da imaginação infantil e adulta, servindo a objetivos de consumo, entre outros.

A concepção de indivíduo em Spinoza é rica para pensarmos uma coextensividade entre os fenômenos ditos individuais e da ordem do coletivo e, conseqüentemente, para pensar, no âmbito da clínica transdisciplinar, seu caráter político. Spinoza pensa que a natureza está composta de múltiplos indivíduos, o universo inteiro está assim composto, assim como nós próprios¹¹, embora pensemos com frequência a partir de um eu unitário.

O plano da vida é engendrador de problemas, de pensamentos, de estratégias construídas no sentido da “perseverança no ser” ou no sentido da potência. Na construção de “estratégias clínico-políticas”, buscamos estabelecer sintonia com esse plano, nomeado por Deleuze-Spinoza, plano do comum ou da multidão. Para ambos os filósofos, quanto mais contatos estabelecermos com coisas e pessoas, melhor pensaremos e agiremos. O Deus de Spinoza diz respeito a essa dimensão do coletivo, a

¹⁰ “Sou, e sinto-me, responsável por você, Dave [referindo-se ao companheiro do paciente] Vou te dar cobertura” (Ibidem, p. 121).

¹¹ O corpo humano compõe-se de muitos indivíduos de natureza diferente, cada um dos quais é também altamente composto. Spinoza, *Ética*, Parte II, Postulado I.

essa ampliação infinita de potência que emerge da multiplicidade. Agir e pensar não estão dissociados. Como diz Deleuze “a alegria torna inteligente¹²”. Apesar disso, o capitalismo já foi por demais explicado sem que tenha terminado¹³, o que aponta para uma dissociação entre pensar e agir que também diz respeito ao nosso mundo e para uma tristeza do pensar que lhe é característica.

Há no contemporâneo uma confusão entre saber de todos os fatos e contribuir para mudar realidades a eles ligadas. Grande parte da militância de hoje diz respeito a esse conhecimento especializadíssimo acerca de algo, mas que não necessariamente se traduz em mudanças reais. O que muitos entendem como “direito à informação” nos leva a ficar sabendo, por exemplo, de todos os desastres de avião além daqueles que nos diriam respeito, por conhecermos alguma vítima, ou por irmos com frequência aquele destino. Passamos a ter acesso a inúmeros detalhes técnicos “ensinados” por especialistas na televisão e nos tornaríamos especialistas em diversos assuntos não fosse o excesso desses ensinamentos, que nos impede de absorvê-los. Acima de tudo, geralmente não podemos ser ativos com relação a eles, fazendo um uso prático dessa enxurrada de informações. Em especial quando se trata de notícias entristecedoras ou chocantes, a consequência da informação é apenas a impotência, ou uma espécie de estado de anestesia.

Devemos, tanto na clínica quanto na política, buscar estratégias que possam potencializar o pensamento. No Deus spinozista estão presentes todas as ideias e essa multiplicidade de ideias expressa sua potência infinita. Assim, não há um só caminho para se chegar à compreensão de um fenômeno. Tal como em Nietzsche, a noção de verdade em Spinoza está referida a um grau de potência e não a parâmetros discursivos. A noção de estratégia diz respeito à afirmação de um ponto de vista, de um pensamento *adequado e útil* no que diz respeito à expansão da vida. Ao contrário do que poderíamos pensar, o útil para si próprio é o que é comum, numa concepção que o homem contemporâneo pode ter dificuldade de compreender. O pensamento “adequado” é também aquele que toma o ponto de vista da potência e não o de algum objeto ou parâmetro externo a ele.

¹² Deleuze, G. *Le Cours de Gilles Deleuze à Vincennes: Spinoza*. 1978-1981. Disponível em www.webdeleuze.com, p. 19. Acesso em 02/04/2015.

¹³ Lordon, F. *Capitalisme, désir et servitude*. Paris: La Fabrique, 2010, p. 9.

É útil ao homem aquilo que dispõe o seu corpo a poder ser afetado de muitas maneiras ou que o torna capaz de afetar de muitas maneiras os corpos exteriores; é tanto mais útil quanto mais torna o corpo humano capaz de ser afetado e de afetar os outros corpos de muitas maneiras. E [...] nocivo aquilo que torna o corpo menos capaz disso¹⁴.

A transdisciplinaridade, pensada a partir da filosofia de Deleuze/Spinoza, é, assim, o acolhimento da multiplicidade. Quanto mais encontros fizermos, mais possibilidades experimentaremos, podendo atingir uma crescente complexidade, tanto no que diz respeito ao corpo quanto à mente. Para Spinoza, afeto diz respeito a variação de potência: na alegria, pensamos e agimos melhor, na tristeza, somos menos inteligentes e mais fracos. A complexidade é uma das facetas da transdisciplinaridade e diz respeito ao acesso ao plano do comum ou da multidão: diferentes campos do saber, diferentes aproximações com relação a um mesmo fenômeno, contribuem para uma complexificação das concepções sobre esse fenômeno. Essa complexificação atende à expansão da vida e da potência humanas.

Na clínica grupal, lidamos com a matéria prima de todos os grupos, que é a potencialidade da multidão ou a grupalidade, como referiu Lancetti¹⁵. Ela é sempre de algum modo captada pelo terapeuta de grupo, pelo coordenador, pelo professor, pelo líder. Melhor dizendo, ela é “confiscada” da multidão¹⁶”. A potência da multidão é o que faz com que o dispositivo grupal funcione, desfazendo capturas e contagiando no sentido do aumento da potência. Ou no sentido contrário, o dos afetos tristes, que também podem contagiar os grupos humanos. Os grupos institucionais, terapêuticos, de trabalho, de estudos, assembleias sindicais, reuniões institucionais, todos eles se utilizam da potência da multidão para fazer e pensar coisas. Quanto mais autônomo for este grupo, melhor pensará e agirá. É claro que também se verificam com frequência nos grupos processos de captura: de linearização e não multiplicidade, de homogeneização e não de heterogeneidade, de hierarquização e não de horizontalidade. Assim, estarmos reunidos, mesmo que em grande número, não significa necessariamente que acionamos a dimensão do coletivo, face aos múltiplos dispositivos disciplinares e de controle agindo no sentido da linearização, e é claro, face à polícia com seus trajes de robocop, com suas balas de borracha ou letais, conforme o alvo. Para

¹⁴ Ibidem, Parte IV, Prop. 38.

¹⁵ Lancetti, A. *Clínica Peripatética*. São Paulo: Hucitec, 2011.

¹⁶ Spinoza, B. *Tratado Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

vencer esses mecanismos institucionais, os grupos na instituição devem ser capazes de acionar o *conatus* grupal¹⁷ ou a capacidade do grupo de perseverar no seu ser. Como não temer a polícia que extermina adolescentes pobres e pretos e que torna o Brasil campeão absoluto em mortes de jovens por arma de fogo num país que não está oficialmente em guerra? É o que pode momentaneamente produzir recuos táticos, mas que pode também incrementar a potencialidade de revolta da multidão.

Um inconsciente construtivista, eminentemente criador pode ser pensado a partir do “playing” winnicottiano¹⁸. Mas se trata, aqui também, de acionar o plano do brincar, que é também o plano do coletivo, pois, através do brincar, a criança chega ao grupo. (As crianças, como se sabe, não precisam ser apresentadas para começarem a brincar juntas). Sabemos também que brincar é agir, e também imaginar. O brincar winnicotiano diz respeito à potência inventiva do inconsciente, à insônia e não ao sonho, como disse Deleuze, pensando diferente de Freud, para quem o sonho era a via real para o inconsciente. O sonho apresenta uma limitação, já que nele a riqueza da imaginação contrasta com a inatividade corporal, impossibilitando a intervenção no mundo real. Para Deleuze e Guattari¹⁹, “se o inconsciente produz, ele produz real”, no sentido de que produz tudo o que existe e produz só por existir, sem nenhuma mediação. O desejo não precisa se dessexualizar para investir os objetos do mundo, para se fazer arte, política, ciência. Para Reich, a criança inteligente é a criança livre para experimentar seu corpo, para brincar, explorar o campo da sexualidade e assim estender essa mesma vitalidade para outros campos. Outro tipo de inteligência, exibindo um grau menor de potência, seria a da criança que sublima, prisioneira do apartamento, das telas de computador e televisão e de escolas preocupadas com o ensino precoce de conteúdos.

A escuta não definiria a tarefa do clínico numa clínica pensada a partir da obra de Deleuze e Guattari: a linguagem é um dos componentes do agenciamento e não o componente principal. A noção de agenciamento se constitui no próprio modo de operar do desejo como produção. Este modo de operar nada tem a ver com uma reconstituição do passado, nem com a construção de um tecido histórico. A clínica não seria uma

¹⁷ *Conatus* é o mesmo que potência.

¹⁸ Winnicott, D. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

¹⁹ Deleuze & Guattari, Op. Cit, p. 43

“talking cure²⁰”, pois a linguagem não é o único meio de acesso ao “plano da produção desejante”, mas procura forçar ou construir um abertura da linguagem para o fora, para a linguagem poética, porosa a um plano de intensidades.

Essa produtividade do inconsciente, da produção desejante pode estar (e geralmente está) impedida, reduzida. Por isso, “não atrapalhar” é um dos mais importantes princípios da esquizoanálise²¹. Ora, geralmente, os problemas na clínica estão do lado do analista, estão no ouvido e na percepção do terapeuta, do coordenador de grupo, do professor, quando ele atrapalha. O terapeuta e o professor podem atrapalhar que a grupalidade funcione, que o brincar aconteça. Podem linearizar o múltiplo, unificar o diverso, reduzir o brincar a mera obediência a ordens, e as expressões da sexualidade infantil a patologias ou assunto para interpretações... A escuta permeada por categorias gerais pode eleger alguns tipos de discurso como privilegiados, como aqueles que contêm conteúdos ligados ao sexual-infantil, ao familiar. Se se trabalha com a concepção de um inconsciente produtor, o clínico, em contrapartida, se torna um construtor, um catalizador dos processos, mais do que alguém que disponibiliza apenas seu ouvido. A concepção psicanalítica clássica de “acting out” desvalorizava o agir, indo na perspectiva oposta à da afirmação de uma clínica política e construtivista. Houve um tempo em que se recomendava ao cliente que adiasse a tomada de decisões, tais como viagens ou separações, durante a análise e se qualificava como resistência qualquer interrupção do processo analítico. Isso estava atrelado a uma concepção de que o processo analítico ocorria no interior de um sujeito que elaborava, ao passo que numa clínica de inspiração deleuziano-spinozista, a análise ocorre na superfície. Os deslocamentos intensivos são valorizados, assim como a exploração e a experimentação no ambiente. Muito dessa indissociabilidade entre pensar e agir, típica das performances artísticas contemporâneas, deve ser transportada para a clínica das superfícies.

Não sabemos o que pode um corpo: a frase de Spinoza, enfatizada por Deleuze, aponta para a potencialidade ilimitada do corpo em sua dimensão imanente. O corpo não tem bem uma idade, pois devires criança atravessam-no em qualquer idade.

²⁰ Expressão criada por Ana O., paciente de Breuer, ao se referir às sessões de psicanálise.

²¹ “Não atrapalhar. Em outras palavras, deixar como está. Ficar bem no limite, na adjacência do devir em curso, e desaparecer o mais cedo possível”. Guattari, F. *Revolução Molecular: Pulsões Políticas do Desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 139.

Deleuze gosta do cansaço que a velhice traz, pois ele tem a ver com ter realizado muitas coisas. Ser esquecido livra também o velho de muitos compromissos enfadonhos, e deslocamentos inúteis e o torna livre para um tipo de criação mais aguda, mais certa, que é como um fio preciso, e que torna a velhice uma idade maravilhosa, se pode ser vivida com algum dinheiro e sem doença²². Na superfície estão, porém, os fios do Bio-Poder onipresente, envolvendo nossa experiência contemporânea do corpo. Corpo medicalizado, esculpido por parâmetros de beleza e saúde que lhe são exteriores, pobre coisa atravessada por tubos, como referiu Ariès²³ ao analisar os caminhos do “American Way of Death” contemporâneo. Porém Deleuze, a partir de Nietzsche, nos anuncia uma outra saúde: a daquele que está confrontado com as forças do caos. Fazer esse confronto exige que nos transportemos para uma outra temporalidade e que possamos acionar esse plano de imanência do corpo, corpo sem órgãos, que está mais para o corpo da preguiça, da lentidão, do que para o corpo ágil e musculoso hoje difundido como modelo. É necessário ter um outro tipo de saúde, que nos torne fortes o suficiente para fazer alguns deslocamentos imprescindíveis.

Finalmente aconteceu-me de ficar afastado do escritório três dias consecutivos. Uma pausa suficiente para tornar impossível o retorno. Três dias e noites gloriosos, fazendo exatamente o eu gostava, comendo bem, dormindo mais, gozando cada minuto do dia, sentindo-me incomensuravelmente rico por dentro²⁴.

Quando tudo vai aparentemente mal para Henry e sua namorada Mona, quando a fome e o desemprego crônico parecem capazes de destruí-los, ele pega os últimos trocados que ela oferece, conseguidos de maneiras obscuras, provavelmente na prostituição, e simplesmente vai ao cinema. (Mona é uma multiplicidade, e há algumas Monas que Henry não conhece – aquela tem amigos um tanto misteriosos que sempre ajudam...). Ter tido a coragem de abandonar o emprego na companhia de seguros foi o que lhe permitiu pensar em escrever, possibilitando que se apropriasse do bem mais precioso no capitalismo: o tempo. Para escrever, é preciso vagabundear pelas ruas de Nova York, visitar antigos conhecidos, simplesmente desaparecer, só retornando no horário das refeições, geralmente fartas, às vezes feitas a partir de restos mofados,

²² Deleuze, G. *O Abecedário Gilles Deleuze*. Transcrição integral para fins didáticos. realização de Pierre-André Boutang, TV Brasil, Tradução e Legendas Raccord. 1988.

²³ Ariès, P. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Nova Froneteira. Livro de Bolso, 2012

²⁴ Miller, H. *Plexus: A Crucificação Encarnada*. Rio de Janeiro: Americana, 1973, p.35.

encontrados no lixo, que se tornam deliciosas iguarias nas mãos de Mona. “É fácil ir para o emprego todos os dias. O problema é permanecer livre [...] Querido Val [...] do que você precisa é de não fazer nada. Não quero nem que você pense em escrever... pelo menos, não antes de ter um logo descanso”²⁵.

Na clínica das superfícies, importam-nos os agenciamentos que possamos fazer, mas às vezes é preciso perceber onde estamos para podermos formular estratégias. As cidades são lugares plenos, superfícies porosas onde podemos nos conectar com o plano da multidão, mas ali estão, ao mesmo tempo, superfícies laminadas, tornadas estriadas. É claro, nas cidades brasileiras, ali está a polícia, para nos impedir de beber, para “nos proteger”, para nos vigiar e em algum momento, nos ameaçar. A morte nos espreita na superfície das cidades, processos mortíferos vindos do exterior podem se instalar dentro de nós mesmos, porém as saídas não estão em nenhum lugar, se não ali mesmo, nas linhas de fuga deixadas em romances que precisamos desatar. É preciso ver, diz Spinoza, ao polir suas lentes, mas não apenas ver, é preciso também ter saúde o suficiente para escapular.

“Quando se vai a Detroit, não é possível sequer imaginar que existe alma”. Tudo naquela cidade é novo demais, macio demais, brilhante demais, brutal demais [...] Evidentemente, Detroit não é a pior cidade da América... foi o que afirmei sobre Pittsburg. Nenhuma delas é a pior. Não existe pior ou o pior. O pior ainda está para ser criado. [...] é sempre difícil de acreditar que um Jack o Estripador possa sair de nós [...] está frio em Detroit. Um vento gelado, muito forte, sopra. Felizmente não sou um dos pobres diabos desempregados, sem comida, sem abrigo.²⁶

Na superfície das cidades, os encontros que podemos fazer estão muitas vezes extremamente simplificados. Nesta superfície, o coletivo pode estar reduzido à mínima potência, apesar de estarmos próximos de muitas pessoas; a vida pode estar reduzida a uma caricatura. O capitalismo que Miller viveu, ainda na década de 40, já revelava inúmeros procedimentos de redução da multiplicidade e de produção de subjetividades simplificadas, que hoje parecem ter chegado a um paroxismo. A garçonete serve com a “impessoalidade de um cadáver” e não deve suar, sempre servindo copos cheios de gelo e uma comida que não quer parecer que veio da terra e dos animais, e que parece feita de plástico. O executivo sentado numa confortável cadeira, em Nova Iorque, Chicago

²⁵ Ibidem, p. 51.

²⁶ Miller, H. *Pesadelo em Ar Condicionado*. Lisboa: Estampa, 1971, p. 31.

ou São Francisco é um homem rodeado pelo luxo, mas paralisado pelo medo e pela ansiedade e que controla a vida e o destino de milhares de outros homens e mulheres que nunca viu, que nunca desejou ver e de cuja sorte está absolutamente desinteressado. “A isso se dá o nome de progresso nos Estados Unidos da América em 1941²⁷”.

Ao tomar um avião para visitar seu pai no leito de morte, Miller ouve dois homens discutirem entre nuvens e no meio de uma violenta tempestade, sobre caixas de papelão. Por certo, nos lembraremos dessas ocasiões, que arte contemporânea tão bem soube exprimir, em que tudo o que é supérfluo toma um enorme vulto, sufocando o que é vital:

[...] compram e vendem, compram e vendem [...] para isso precisam se instalar nos melhores quartos de hotéis, viajar nos aviões mais rápidos.... Usar os sobretudos mais quentes, as carteiras mais finas [...]. E mais cheias de dinheiro. Necessitamos de suas caixas de papelão, dos seus botões, das suas peles sintéticas, dos seus artigos de borracha.... Dos seus isto e aquilo de plástico? Necessitamos do banqueiro e de sua extraordinária capacidade em nos tirar nosso dinheiro e em se tornar imensamente rico. Mas necessitamos mesmo? [...] não acredito que estes abutres sejam realmente necessários²⁸.

Miller assinala que vivemos num mundo em demência aguda, apesar de chamarmos a tudo isso eficiência, ou produtividade, para usarmos uma terminologia mais próxima do mundo em que vivemos hoje. Miller via claramente os processos de simplificação subjetiva que se processavam, para tornar possível, no capitalismo, a submissão a um único território: o do consumo. Uma perspectiva transdisciplinar da clínica deverá ter, sem dúvida, um direcionamento inverso, no sentido da complexificação subjetiva, da abertura para a multiplicidade ou para os múltiplos indivíduos que nos compõem, o que a torna imediatamente política.

Recebido em: 06/04/2015 – *Received in: 04/06/2015*

Aprovado em: 04/05/2015 – *Approved in: 05/04/2015*

²⁷ Ibidem, p. 29.

²⁸ Ibidem, p. 39.